

NOTA EDITORIAL

NA PREPARAÇÃO DE UMA NOVA FASE EDITORIAL

No dia 12 de maio de 1993 – perfez-se portanto já uma vintena de anos – a *Revista Filosófica de Coimbra* entrava definitiva e consolidadamente na sua segunda fase editorial. De facto, nesse mesmo dia era assinado o Protocolo entre a “Fundação Eng. António de Almeida” e o “Instituto de Estudos Filosóficos” da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as duas instituições representadas, respectivamente, pelos Doutores Fernando Aguiar-Branco e Miguel Baptista Pereira (intervindo também na ocasião a necessária assinatura do então Presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Letras, Doutor João Lourenço Roque). Esse Protocolo confirmava de modo formal, por uma parte, o apoio incondicionalmente fecundo à publicação filosófica e, pela outra parte, a fidelidade à meditação e ao labor filosóficos como grata correspondência a tão incomensurável e invulgar generosidade.

Estamos em condições de anunciar uma nova fase editorial, a levar a cabo progressivamente nos próximos fascículos, que pretenderá guindar a *Revista Filosófica de Coimbra* ao patamar científico que ela sempre demandou, mas que agora se impõe com uma urgência desabrida nos quadros das políticas internacionais de avaliação das publicações periódicas de âmbito filosófico. Não é que a *Revista Filosófica de Coimbra* estivesse alheia ao rigor que se exige ou ocupasse tão-somente as margens dos setores de publicação. Outrossim porque, mesmo questionando a efetiva validade, ou mesmo a razoabilidade de muitos rankings, listas, patamares, critérios de classificação de mérito e quejandos, exige-se agora uma normalização e uma política ainda mais transparente de publicação, por todos saudada e acalentada. Assim, após a adesão ao portal UC, “Impactum”, a *Revista Filosófica de Coimbra* passa a almejar a partir de agora, no quadro das mais importantes iniciativas da Universidade de Coimbra, a conseqüente adesão às plataformas e bases de dados internacionais filosoficamente mais reputados.

O presente fascículo abre com a participação sempre informada, meditada e actualizada de Fernanda Bernardo sobre Jean-Luc Nancy; recordemos que no fascículo anterior publicámos um texto deste mesmo filósofo francês cuja entrada na ‘res publica litteraria’ aconteceu sob a égide de Jacques Lacan (1973), tendo-

se depois estendido a Heidegger, Derrida, Bataille, Blanchot ou Nietzsche; F. Bernardo revela-nos “a singularidade do pensamento do corpo” de tão fecundo pensador. Acresce ainda que a conjugação Nancy/Derrida é o objecto do trabalho reflexivo de Hugo Monteiro, intitulado “Figurações do infigurável”. Dá-se o caso que, de uma maneira inesperada, o presente fascículo se torna particularmente rico e assinalável no respeitante a J.-L. Nancy e, como veremos de seguida, a L. Wittgenstein. Com efeito, Nuno Venturinha coordenou o que chamámos “Dossiê Wittgenstein”, o qual conta com as relevantes colaborações, no quadro nacional da pesquisa atinente ao autor do *Tractatus*, de Sofia Miguens, sobre a “relação entre a natureza das verdades lógicas e a natureza do método da filosofia”; de Maria Luísa Couto Soares, acerca das afinidades nas divergências de Wittgenstein a respeito de Frege; e de António de Carvalho Pais, ocupando-se do pensamento (da linguagem) da causalidade nos anos que antecedem a redacção da primeira parte das *Investigações Filosóficas*. Como vem sendo timbre da **Revista Filosófica de Coimbra** publicam-se três trabalhos relevantes e inovadores no âmbito da História da Filosofia, dois sobre o século XVI ibérico, um outro sobre o século XVIII inglês. Aludimos aos contributos de Sebastián Contreras sobre o problema da determinação do direito; de Mário Santiago de Carvalho sobre a filosofia conimbricense; e de Luís Fernandes dos Santos Nascimento sobre as noções de gosto e de crítica em David Hume. Finalmente, e ainda no âmbito das mais urgentes reflexões, dois novos colaboradores, Luís G. Soto e Miguel Ángel Martínez Quintanar assinam uma reflexão a partir de M. Foucault e de Guy Debord sobre a bio-dominância e o etho-domínio, isto é, duas das figurações mais modernas do poder na sociedade ocidental contemporânea.

Mário Santiago de Carvalho